

REPRESENTAÇÕES DAS TICS NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Michele Macedo dos Santos; Rodrigo Camargo Aragão

Universidade Estadual de Santa Cruz

Resumo: Esse artigo apresenta reflexões produzidas sobre o tema Novas tecnologias no ensino de Língua estrangeira, tendo em vista as representações das tics na educação básica, buscando favorecer novas formas de aprender e de ensinar usando tecnologias como ferramentas de aprendizagem. Proporciona aos leitores uma visão ampla do conhecimento científico na área de novas tecnologias como instrumento de produção de conhecimento, introduzindo o uso de novas tecnologias numa escola, envolvendo projeto de informática educativa, internet na educação, software educativo e atualização pedagógica. Estas reflexões abordam: a formação de professores frente às novas tecnologias, a socialização na internet, a capacitação de professores para utilização da informática na sala de aula e a internet como ambiente de pesquisa na escola.

Palavras-chave: *Língua Estrangeira; Formação de Professores; TICs; Ensino/Aprendizagem.*

1 Considerações iniciais

Estamos vivendo uma era em que a internet já faz parte da vida da maioria das pessoas, inclusive seu acesso tem sido proporcionado nas escolas. Dessa forma, percebe-se que o professor recebeu um novo desafio ao desempenhar seu papel: saber lidar com as novas tecnologias em tempos digitais. Os alunos devem ser incentivados a explorar a web uma vez que, essa proporciona as pessoas oportunidades de construir um novo tipo de experiência cognitiva e sociocultural. O presente artigo tem como objetivo principal mostrar os resultados de uma pesquisa realizada dentro de um projeto maior denominado Projeto Forte. Esse projeto teve com um dos seus objetivos verificar como tem se dado a representações das Tics na Educação básica do eixo Ilhéus e Itabuna. Os professores têm argumentado que encontram dificuldades para ensinar Língua inglesa uma vez que essas a escola não disponibiliza nenhum um livro didático para auxiliarem o professor a desenvolver as suas aulas.

Interessante notar que nem todos acreditam que o uso da tecnologia no ensino traz benefícios, pois associam as tecnologias digitais com a trivialidade e a grosseria da cultura popular argumentando que as novas tecnologias tais como jogos de computador não têm espaço algum na educação formal. Além disso, preocupam-se com o acesso aberto das crianças as indesejáveis fontes de informação por meio da internet.

A adoção de tecnologias é um processo dinâmico e variável, e é preciso pensar que as tecnologias digitais afetam a aprendizagem do letramento e suas práticas. Percebe-se que são práticas comuns na vida dos jovens usar telefone celular, mensagem de texto, a internet, mensagens instantâneas, jogos online, blogs, mecanismos de busca, web sites, e-mail, vídeo digital, músicas e imagens. Tornar os alunos letrados no mundo digital não é tão complexo como muitos acreditam, uma vez que são práticas de letramento digital: processar palavras, articular hipertextos, participar de discussões online, usarem software de apresentação, criar páginas na web e se congregarem em portfólios digitais e essas atividades eles aprendem a realizar com facilidade. É perceptível que os jovens trazem habilidades avançadas relacionadas à tecnologia para sala de aula que poderiam ser usadas produtivamente para a aprendizagem da língua e do letramento.

O professor, neste contexto de mudança deve saber orientar os educandos sobre onde colher informação, como tratá-la e como utilizá-la. Esse educador será o encaminhador da autopromoção e conselheiro da aprendizagem dos alunos, ora estimulando o trabalho individual, ora apoiando o trabalho de grupo reunido por área de interesses. (MERCADO 2002, p.12)

Ao observarmos a realidade brasileira atual percebemos que os alunos usam computadores portáteis como eles usariam seus cadernos. Os professores podem postar exercícios na web, comunicar com os alunos por e-mail e responder aos seus escritos eletronicamente, mas a abordagem tradicional de iniciar uma atividade curricular, estabelecer lições para casa e avaliar o trabalho dos alunos tem sido mantida. É notável que o governo investiu e aumentou o número de computadores na escola para que essas se tornassem mais produtivas e eficientes, entretanto não temos evidências de que esses objetivos foram alcançados e os agora ficamos nos questionando quais as mudanças trazidas com a inserção do computador no contexto do ensino escolar. Afinal mudanças reais requerem muito mais do que simplesmente dar as escolas recursos tecnológicos. Se a função do computador não for bem compreendida e ele for implementado na escola, como um virador de páginas de um livro eletrônico, ou um recurso para fixar conteúdos, corremos o risco de informatizar uma educação obsoleta, fossilizando-a definitivamente.

A ecologia inteira da educação escolar necessitaria ser repensada se a transformação for o objetivo: Mudanças na forma em que as escolas são organizadas e financiadas, na forma como os professores são preparados e valorizados, na forma em que os dispositivos elétricos e o conjunto de programas são projetados para satisfazer as necessidades dos alunos, professores, mais o mundo dos negócios. Sem tais principais mudanças, apenas relativamente menores alterações na prática de sala de aula são prováveis de acontecer (CUBAN, 2001). Diante dessa realidade, esse artigo faz uma reflexão sobre a responsabilidade dos educadores de letramento de proporcionar aos jovens oportunidades cuidadosamente planejadas para que eles aprendam como se tornar navegadores críticos no novo panorama do letramento em tempos digitais. Aborda como deve ser feito o uso do computador na sala de aula. Relata também como foi a experiência da montagem de um blog no desenvolvimento do projeto Forte¹. Pontua as principais dificuldades relatadas pelo professores da rede estadual participante do projeto forte. Apresenta as principais crenças que tem atrapalhado os professores de língua estrangeira a acreditarem que são capazes de fazer um bom trabalho e transformar a realidade existente.

2 Fundamentação teórica

O computador já faz parte da escola, mas não significa que ele seja usado como propósitos educacionais, que gerem bons resultados. É preciso entender como os professores, alunos e instituições estão se apropriando dessas tecnologias e nos questionar o porquê nem sempre os estudos presenciais tem garantido bons resultados. Devemos pensar também que não adianta trazer computador para sala de aula, com programas sofisticados se a concepção de aprendizagem continua sendo centrada no professor, na idéia de que os alunos vão aprender ouvindo, de que todos aprendem da mesma forma e que todos têm de aprender a mesma coisa no mesmo momento e da mesma forma, já que cada aluno tem a sua forma de aprender e que esses vão apresentar facilidades e dificuldades diferenciadas.

¹ Projeto 8948- Pesquisa e Geração de Tecnologia Educacional no Ensino de Inglês da Rede pública de Ilhéus/Itabuna, aprovado pelo edital 004/2007- FAPESB, e registrado pela PROPP/UESC. O Projeto é coordenado por Rodrigo Aragão, e eu faço parte como bolsista de iniciação científica da FAPESB.

O computador nos ajuda a realizar a tarefa de formar aprendizes autônomos, curiosos e livres para buscar respostas para suas perguntas, críticos para avaliar as possíveis soluções e cooperativos para participar da construção do saber em rede.

A informática, quando aplicada no ensino traz flexibilidade na aprendizagem, une as teorias e as práticas, onde os alunos aprendem e sabem como, por que, onde e quando eles aprendem. No entanto, a informática não deverá ser vista como redentora da educação, mas sim como um elemento a mais a contribuir na construção de uma escola que pode desenvolver mecanismos que contribuam na superação de suas limitações. (MERCADO, 2002 p.131)

Gibson (2007) diz que vivemos no ciberespaço e que ele faz parte da nossa vida. No início passamos por uma fase de estranhamento e da resistência que precisa entender melhor o que significa lidar com essas noções em contextos educativos. Dessa forma é preciso considerar a necessidade de pensar em letramentos hipertextuais. O trabalho com gêneros textuais foi um passo preparatório para se trabalhar com letramentos hipertextuais. Os alunos deixaram de ter um bloco descontextualizado e passaram a ter a situação comunicativa que a leitura desse texto deveria envolver.

Com relação ao universo digital precisamos saber ao certo o que sabem os professores sobre o computador sobre seus usos, seu potencial e o que pode ser feito com ele para fins educacionais. Quem lida com a formação de professores precisa conhecer formas para o uso da tecnologia em sala de aula, a fim de preparar os futuros professores para incorporar de forma efetiva essas tecnologias em suas práticas pedagógicas. Os alunos aprendem o amplo uso da linguagem escrita nas mais variadas situações enunciativas intuitivamente.

A formação de professores muitas vezes é deficiente, pois a maior parte dos cursos encontra-se pautados em práticas tradicionais, que não assimilaram noção de letramento². Temos dificuldade de desenvolver a autonomia da aprendizagem dos alunos e promover a aprendizagem colaborativa por não conseguir nos livrar de aulas expositivas centradas no professor em ambientes presenciais. As necessidades dos

² A dimensão individual vê o letramento como um atributo do indivíduo, envolvendo um conjunto de habilidades que vai desde a habilidade de decodificar (transformar sinais gráficos em sons até em decifrar (transformar sinais gráficos em idéias, gerando reflexões, analogias, questionamentos, generalizações). A dimensão social consiste em considerar como a capacidade de ler e escrever (visão funcional), mas também a capacidade do indivíduo refletir sobre a realidade, tomando consciência e agindo para transformá-la (FREIRE, 1981)

alunos, o modo de fazer do professor pode mudar ao longo do tempo. É preciso conhecer os alunos, as tecnologias e como é a vida fora da escola a fim de lidar, familiarizar os alunos com as diversas práticas discursivas que a vida contemporânea pode exigir deles. Além disso, é preciso discutir com os alunos sobre ética, criatividade, criticidade para construção do conhecimento. Será engraçado futuramente perceber que nós distinguirmos o digital do real, o virtual do real, pois no futuro isso será praticamente impossível. O ciberespaço conecta o digital com o real e essa distinção no futuro tornará inimaginável. (GIBSON, 2007)

O advento da internet da mesma forma que trouxe benefícios quanto às possibilidades de interações, de conhecimento e de desenvolvimento cultural, se mal utilizada, torna-se uma arma capaz de trazer graves prejuízos para os usuários tais como: exposição ao material inapropriado, invasão de privacidade e agressões em ambiente virtual. A escola não pode caminhar a margem da evolução tecnológica nem ignorar as transformações ocorridas na sociedade, porque se as possibilidades das tecnologias são muitas, com a internet tendem a ampliar muito mais. A escola é articuladora de saberes e tecnologias, além de ser promotora de conhecimentos contextualizados.

Assim, cabe ao professor fazer o uso dessa tecnologia como estratégia de aprendizagem, mediar essa interação de modo a contribuir com o processo de apropriação das informações disponíveis e com a construção do conhecimento. A língua é algo que se encontra presente na vida do sujeito, ela não deve ser concebida como um mero instrumento de comunicação, mas como material fundador do nosso psiquismo e da nossa vida relacional (REVUZ, 1998). Dessa forma, usar as novas tecnologias para se aprender uma língua estrangeira é importante uma vez que o aprendiz tem a oportunidade de fazer uso da língua, no qual diz aquilo que se pode dizer e aquilo que não poderia ser dito, manifestando uma relação própria com língua e com o saber que ele permite construir. O aprendizado de uma língua estrangeira não deve se dar de forma estanque, mas pelo contrário, suscetível a toda influência externa. A língua deve ser concebida como a própria expressão de identidade de quem dela se apropria, uma vez que o ensino de línguas deve ter o propósito de formar indivíduos capazes de interagir com pessoas de outras culturas e diferentes modos de pensar (RAJAPOGALAN 2003).

A criação de um blog pelos alunos tem sido uma proposta feita por muitos professores aos alunos, na qual se podem obter resultados positivos. Essa proposta não é feita apenas com o objetivo de entretenimento para os alunos, mas o professor antes de tudo deve se perguntar o porquê se usar um blog para que dessa forma a atividade possa ser bem aproveitada e gerando resultados desejáveis pelo docente.

Ao participar de um blog desde o processo da sua montagem (elaboração), o aluno passa a ter uma participação ativa, sendo sujeito de sua aprendizagem. O aluno vai construir seu conhecimento a partir das colocações que precisaram se postadas por ele no blog. Ele de alguma forma vai se interessar pelo assunto afim de que possa fazer um comentário pertinente a cerca do tema proposto pelo professor ou até mesmo ser capaz de concordar ou discordar do que foi escrito pelos seus colegas em outros comentários anteriores ou posteriores ao seu. Afinal, para que ele seja capaz de tecer um comentário crítico a respeito que é colocado no blog será necessário de que ele entenda o mínimo do tema proposto. Dessa forma, dizemos que o aluno acaba tendo uma relação dialógica com o mundo, pois esse pode se relacionar com vários acontecimentos que serão postados no blog e se relacionar com todas as outras pessoas que tiverem acesso ao blog e que postarem algum comentário. O blog então acaba se tornando um local de encontro que favorece a interação entre os participantes proporcionando com que os participantes compartilhem informações, facilitando a construção do conhecimento (PIAGET, 1986) e o sócio interacionismo (VYGOTSKY, 1991). Fica evidente então que, o aluno no espaço do blog não receberá um conhecimento já pronto, mas ele será o responsável por fornecer algum tipo de informação a respeito do tema, para os demais participantes e esse aprenderá também com os outros, assim o conhecimento não é algo memorizado e esse acaba tendo uma aprendizagem significativa (AUSUBEL, 1982), na qual esse não esquecerá com facilidade, o conhecimento adquirido será lembrando sempre que for necessário. Com o uso da internet, como suporte de incentivo á leitura e a escrita, o professor de qualquer disciplina poderá contribuir para melhorar o nível de letramento de nossas crianças e de nossos adolescentes no sentido de ajudá-los a uma leitura crítica do seu entorno.

A informática é uma ferramenta a disposição do professor para contribuir como uma pratica docente que privilegie a interação, a construção do conhecimento e a

reflexão profunda (metacognição) sobre o próprio acesso de aprendizagem, como forma de desenvolver a autonomia e o aprender a aprender. A postagem de textos e comentários por ser uma tarefa escolar, exige preocupação com a construção do texto, com a linguagem e a coerência entre as idéias apresentadas, a tenção quanto ao crédito e a referencia as fontes pesquisadas envolve o caráter ético do uso da internet e a contribuição através da leitura e comentários do blog, desenvolve a prática colaborativa. Não basta saber usar a internet e conhecer as ferramentas disponíveis no ambiente, é necessário autodisciplina, autonomia e motivação para esse tipo de interação. Leopoldo cita Bonis (2000) que afirma. “Nada substitui um bom professor que sabe muito e consegue dividir seu conhecimento numa relação respeitosa e construtiva com seus alunos. O computador em sala de aula é um simples instrumento que pode ser potencializado pelo professor.”

A Tecnologia não resolve sozinha os problemas da educação. Dessa forma, o professor ganha ainda mais importância. É bobagem imaginar que essas “maquinas que ensinam” vão substituir os professores, o que existe é uma complementação. O educador que adota as novas tecnologias perde o posto do dono do saber, mas ganha um novo e importante posto, o mediador da aprendizagem. Ele passa a dirigir as pesquisas dos alunos, apontar caminhos, esclarecer duvida, propor projetos e sem dúvidas aprender muito mais. (MERCADO, 2002, p.138)

Usar o fórum para prolongar a discussão a respeito do que foi discutido em sala. Para Costa (2006) “O leitor navegador não é um mero consumidor passivo, mas um co-autor do texto que está lendo. Dessa maneira, quanto mais cedo à criança tiver contato com o ciberespaço mais se desenvolve suas capacidades motoras, lingüísticas e cognitivas. A construção do blog- experiência da aprendizagem colaborativa. Utilizar o blog como recurso pedagógico oferece infinitas possibilidades para o desenvolvimento da escrita, da capacidade argumentativa, da criatividade, da organização, da estética, proporciona a experiência da aprendizagem colaborativa e permite reflexão sobre os valores éticos. A educação acontece na relação dialógica (FREIRE, 2004), pois o individuo se educa no diálogo com o outro. Com o uso da internet, como suporte de incentivo á leitura e a escrita, o professor de qualquer disciplina poderá contribuir para melhorar o nível de letramento de nossas crianças e de nossos adolescentes no sentido de ajudá-los a uma leitura critica do seu entorno

. A formação de professores em novas tecnologias permite que cada profissional perceba, desde sua própria realidade, interesses e expectativas e como as tecnologias podem ser útil a ele. O uso efetivo da tecnologia por parte dos alunos passa primeiro por uma assimilação da tecnologia pelos professores. Se quem introduz os computadores nas escolas, o fazem sem atenção aos professores, o uso que os alunos fazem deles é de pouca qualidade e utilidade. Além disso, o fato de só colocar computadores em uma escola raras vezes traz impacto significativo. Para atingir efeitos positivos, é fundamental considerar uma capacidade intensa inicial e um apoio contínuo, começando com os professores, quem a sua vez poderão capacitar seus alunos. É necessário planejar a integração da tecnologia na cultura da escola, fenômeno de avaliação gradual, que requer apoio externo. (MERCADO 2002, p.27)

3 Desafio enfrentado pelos professores em usar as tics na educação básica

Nunca se escreveu /leu tanto em situações corriqueiras como atualmente. Isso vem gerando, nos últimos anos, o interesse de diversos pesquisadores em desvendar as práticas e as particularidades de utilização desses novos gêneros textuais e novos letramentos provenientes da mídia digital. Teóricos tais como: SOUZA (2007), MOTTA-ROTH, REIS E MARSHALL (2007), ARAÚJO-JUNIOR (2007; 2008) buscam compreender em que medida gêneros como email, chats, blogs, e-foruns, homepages, podem contribuir para o desenvolvimento do aprendizado de línguas estrangeiras.

Será que a escola e professor estão acompanhando e tirando proveito dessas novas práticas para enriquecer o processo de ensino e aprendizagem? Será que existe ainda o mito de que o professor vê o computador e suas utilizações como uma ameaça a educação. Segundo as orientações curriculares nacionais OCNS para o ensino de língua estrangeira moderna, um dos objetivos do ensino de idiomas na escola é conduzir o aluno á percepção e a compreensão de outras culturas (BRASIL, 2006). Dessa forma, a internet pode desempenhar um papel bastante significativo, pois possibilita uma comunicação instantânea entre pessoas dos mais distantes lugares do mundo, de diferentes idiomas e culturas. Ao estudar a língua compreende-se que a utilização do computador com o proveniente uso dos novos gêneros, bem como o letramento digital, ganha importância ainda maior no ensino, pois pode servir tanto como recurso didático,

quanto instrumento de integração e interação entre falantes nativos e aprendizes da língua meta.

Letramento digital não é somente conhecimento tecnológico da informática, mas também o uso que se faz desses recursos informáticos de maneira significativa entendendo suas praticas e possibilidades em situações sociais e reais do dia- dia dos internautas. BAKTIN (2000) CRYSTAL (2001), MARCUSCHI (2005), define gênero como evento lingüístico atrelado as necessidades comunicativas da sociedade. Os gêneros se desenvolvem em conformidade com os usos que os homens fazem das novas tecnologias de comunicação decorrentes dos avanços das tecnologias eletrônicas digitais.

O computador pode desempenhar funções explicitamente didáticas, relacionas, por exemplo, com a veiculação de diversos exercícios que visem o desenvolvimento de habilidades comunicativas nos aprendizes (LÉVY, 1997). Além disso, argumenta-se que as novas tecnologias em especial o computador significam uma verdadeira mudança para o ensino de línguas em geral, uma vez que possibilita acesso imediato a textos autênticos e atuais na língua alvo, o que antes da internet não seria tão fácil (HUMBLÉ, 2001)

Muitos professores por desconhecerem ou desconfiarem do funcionamento e das vantagens das novas tecnologias de comunicação, tem se recusado a usá-las em suas atividades cotidianas, e o que é pior tem se deixado por idéias e concepções sem o menos fundamento científico. (XAVIER, 2007). Gerando assim, o discurso tecnóforo sem a reflexão necessária. Cabe ao professor explorar as possibilidades pedagógicas na internet e não simplesmente opor-se esta sem realizar uma reflexão necessária. De maneira geral, as atividades pedidas pelos professores envolvem pesquisa na internet o que para se obter um bom resultado, exige dos alunos letramentos diversos para que se movam praticas letradas da web com proficiência. A escrita desenvolvida em ambiente digital interfere negativamente na escrita escolar. Muitos recursos são utilizados somente para uma mera transposição do que se fazia antes, no ensino tradicional, com os recursos hiper midiáticos da web. (ARAÚJO-JUNIOR E CARVALHO 2007),

Os professores geralmente têm algumas crenças já estabelecidas, na qual fazem eles se sentirem incapazes de dominar a língua estrangeira que ensinam. Eles se sentem inseguros para desenvolver da melhor forma possível a sua profissão e afirmam que

esse resultado é fruto de uma formação deficitária oferecida pelas universidades no período da graduação que muitas vezes é composta por currículos desatualizados que não contemplam as necessidades atuais. O professor tem a crença de que a sua formação tem um tempo estabelecido para ser concluída e esquecem de que eles deveriam estar em um processo de formação continuada, uma vez que eles sempre têm que estejam aprendendo algo novo que vai surgindo para que assim, consiga atender as necessidades dos seus alunos surgidas ao longo. Vale ressaltar que, o professor é o principal responsável pela sua formação, se a universidade não é capaz de suprir todas as expectativas esperadas, é necessário que esse aprenda a buscar as informações e estratégias desejadas para melhorar seu perfil profissional, deve então buscar maneiras para se atualizar e se reciclar a todo o momento.

Muitos professores se assustam com o surgimento das novas tecnologias principalmente o uso crescente do computador (internet) pelos seus alunos, quando na verdade muitos deles não têm o domínio do uso dessa nova ferramenta surgida. Dessa forma, torna-se complicado se tornar um profissional interado com as novas tecnologias e para criar atividades fazendo o uso do mesmo, despertando assim maior interesse por parte dos seus alunos. O uso das novas tecnologias para o ensino de língua estrangeira é algo que hoje se torna um grande recurso que pode ser explorado pelos professores em sua aula, para explorar o desenvolvimento das quatro habilidades de forma natural e espontânea. O aluno é capaz de ouvir outras pessoas falando, ouvir clipes musicais, escrever em blog dando a sua opinião a respeito do assunto que exposto, encontrar games dos mais diversos tipos e se divertir fazendo o uso da língua estudada, se divertir em chats, encontrar os mais diversos tipos de atividades e textos para pesquisa, ou seja, a internet vai oferecer muito mais oportunidades para construção do conhecimento do que o livro, uma vez que esse sempre será de forma limitada. Ao usar a internet o aluno terá que ler mais informações e aprender a também selecionar a informação desejada.

As OCEM não é conhecido por todos os professores apesar de esse ser disponibilizado em todas as escolas, muito até conhecem os objetivos propostos por esse documento, mas não querem seguir o que é proposto, uma vez que já tem a sua crença formada de que deve continuar suas aulas da mesma maneira que já tem sido feita. Não são todos que percebem a necessidade de buscar sempre melhorar a sua prática pedagógica, para oferecer o melhor para os seus alunos. As principais argumentações para o fato de não buscar uma formação continuada é a falta de tempo, a

necessidade ensinar muitas horas, visto que o salário é baixo e falta de valorização por parte de todos em relação à categoria. A dificuldade é encontrada desde o início da formação do professor, no qual os professores na universidade não conseguem desenvolver a sua competência lingüística que é seu principal instrumento de trabalho e expõem uma realidade preocupante, que é a existência de projetos pedagógicos insuficientes para uma boa formação de professores. Além disso, o crescente número de cursos de graduação de dupla licenciatura com duração de três anos, no qual a carga horária é ineficiente para formação de professores de Língua Inglesa e assim as pessoas que concluem a graduação acabam procurando curso de especialização em busca de uma regraduação para poder aprender mais sobre o idioma e esses acabam que não encontram. Diante dessa situação é reforçado o preconceito de que só se aprende Inglês em cursos livres (DUTRA E MELO, 2004).

Paiva (2005) faz uma crítica aos parâmetros curriculares nacionais por ter como foco prioritário à leitura, quando na realidade o ensino é repetitivo e não contextualizado e isso resulta em um ensino que não se ensina nem as habilidades orais nem as escritas. Assim, o que fica evidente que o inglês fica sendo ensinado como uma língua morta e o que o ensino dessa acaba que ignora a produção de sentido. É importante ressaltar também que há falta de oportunidade de contato da LE, existem muitos professores despreparados que nem se quer tem a competência comunicativa desenvolvida, falta de input significativo, ou seja, a língua é apresentada como algo fragmentado e desprovido de sentido. É nesse contexto, que as orientações curriculares faz uma reflexão a respeito do que seja a percepção de escrita mediada e contextualizada por cada língua e cada cultura e questiona o conceito anterior de escrita que caracterizava como uma mera tecnologia universal. Dessa forma, a escrita deixa de ser vista de forma abstrata desvinculada do contexto de seus usos e de seus usuários, surgindo então conceito de letramento para se referir aos usos heterogêneos da linguagem em praticas socioculturais contextualizadas e o conceito de multiletramento para dar conta da extrema complexidade desses novos e complexos usos da linguagem por novas comunidades e prática.

Tanto a abordagem de Paiva (2005), aborda que a linguagem, a cultura e conhecimento não devem ser concebidos como fatores isolados, mas como conjuntos abertos e dinâmicos, dentro de um processo de recontextualização e transformação constante. Reportamo-nos a uma concepção de que defende que o conhecimento deve

ser integrador, reconhecendo as linguagens e os fenômenos multidimensionais; ser compreendido das partes para o todo e do todo para as partes; reconhecer a realidade como conflituosa. Antagônica, ambígua, o que requer a habilidade construir e reconstruir sentidos: reconhecer a diversidade e reinterpretar a unicidade (MORIN, 2000).

Paiva (2005) diz que os professores são vítimas de uma formação ineficiente e por sua vez são culpados por não conseguirem ser um bom profissional de LE e pontua ser necessário que esses se organizem para reivindicar as horas necessárias para o desenvolvimento da competência lingüística no curso de Letras. Diante dos aspectos apresentados, percebe-se que há muitos fatores que envolvem o ensino e aprendizagem de língua estrangeira, entre esses merece destaque o ensino contextualizado e a produção do conhecimento significativo, uma vez que os aprendizes possam fazer uso desse conhecimento aprendido, fora do ambiente escolar. É necessário também, vencer a questão das memórias recentes de muitos aprendizes que não conseguem entender a necessidade de se aprender a LE. É de fundamental importância que esses consigam entender e perceber a importância da mesma para sua vida, principalmente na área profissional.

A falta de domínio lingüístico é algo que também chama atenção, muitos professores reconhecem que apesar de ensinar inglês, esses não sabem falar inglês e dessa maneira acabam ensinando o inglês instrumental e as questões colocadas pelos PCNS acabam sendo esquecida, tal como a questão da cidadania. O professor querer romper com as práticas tradicionais de ensino e focar o uso das novas tecnologias não é uma tarefa tão simples, pois não é simplesmente ter o computador e a internet disponível, mas é preciso que o professor saiba utilizá-lo de modo que os alunos possam fazer o uso do mesmo para aprender a língua estrangeira. O professor deve saber desenvolver tarefas para que os alunos desenvolvam para que esses não acabem usando a internet com outras finalidades, como por exemplo, simplesmente para diversão. Não é suficiente que o professor apenas queira fazer, mas que antes de tudo esse saiba fazer o uso das novas tecnologias reconheça a necessidade de se fazer uma reflexão sobre sua prática pedagógica, de inserir num processo de formação continuada, deixar de querer encontrar materiais prontos e usar a criatividade para desenvolver seus próprios materiais.

4 Conclusão

A escola é chamada a responder aos desafios impostos pelo novo letramento, na qual deve preparar o aluno para ser capaz de ler, escrever e navegar no espaço cibernético, correspondendo às necessidades dessas novas tecnologias. A escola deve ter uma proposta de ensino e leitura onde o aluno aprenda a construir significados a partir da mesma, saiba adquirir, avaliar e selecionar e usar informações das mais diversas fontes aprenda a comunicar-se rapidamente suas decisões e descobertas.

O conhecimento é algo que deve ser construído através da interação social, portanto, o papel do professor não é impor verdades, mas criar um ambiente onde os aprendizes construam a compreensão a partir da troca de experiências e informações. Além disso, é preciso dar oportunidades para que o aprendiz desenvolva diferentes habilidades. Dessa forma, o professor um papel de mediador entre o aluno e o novo e os alunos a postura de produtor do conhecimento, visto que esses terão uma liberdade de acesso às diversas fontes de pesquisa. O aluno deixa de o livro como única fonte para pesquisa e passarão a ter necessidade de selecionar, avaliar e usar as informações obtidas de forma a conseguir atender ao que foi proposto pelo professor, assim ocorrerá o incentivo ao trabalho colaborativo e a comunicação entre os aprendizes.

Ao longo da trajetória do Projeto Forte pudemos constatar que os professores apesar de terem alguns recursos disponíveis tais como: laboratório de informática e Tv pen drive, esses encontram dificuldades em utilizá-las. Essas dificuldades podem se relacionar com a dificuldade de acesso como, por exemplo, a sala de laboratório se encontrar sempre fechada e a Tv pen drive se encontrar sempre com um cadeado, diante de acontecimentos como esse o que se observa é que os professores acabam se desmotivando em fazer uso dessas novas tecnologias, uma vez que toda vez que eles fazem a tentativa de inovar em suas aulas se utilizando das novas tecnologias acabam perdendo boa parte da aula na tentativa de adentrar nesses espaços. Outro problema também verificado é que muito dos professores não sabem lidar com as novas tecnologias de modo que saibam desenvolver atividades para seus alunos. O que pudemos verificar é que as tecnologias chegaram sim nas escolas, entretanto nenhum curso de capacitação para ensinar os professores a proporem atividades de uso significativo foi oferecido e isso tem se refletido no ensino atual, no qual os professores

ainda continuam fazendo uso na maioria das vezes em sua aula de tecnologias tradicionais tais como Lousa e Pincel atômico.

Referências

ABRAHÃO, M.H. V; *Crenças e ensino de línguas: Foco no professor aluno e na formação de professores*. Campinas, SP: Ponte Editorial, 2006.

ARAÚJO, J.C. (Org). *Internet & ensino: novos gêneros, outros desafios*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007 a.

ARNOLD, Jane. *Affect in Language Learning*. Ed. por Jane Arnold, Cambridge University Press, 1999

AUSUBEL, D.P. *A aprendizagem significativa: a teoria de David Ausubel*. São Paulo: Moraes, 1982

BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2000

BRASIL. *Orientações curriculares para o ensino médio: linguagens, códigos e suas tecnologias*. Brasília: Ministério da Educação, secretaria da Educação básica, 2006

BENSON, P.; NUNAN, D.C. (Ed.). *Learners' Stories: Difference and Diversity*

in *Language Learning*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005

BORTONI, Ricardo, STELLA Maris; *O professor pesquisador: introdução a pesquisa qualitativa*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008

CELANI, Maria Antonieta Alba (Org.). *Professores e formadores em mudança: Relato de um processo de reflexão e transformação da prática docente*. São Paulo: Editoras Pontes, 2006.

COSCARELLI, C. V.; RIBEIRO, A. E. (Org.). *Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas*. Coleção Linguagem e Educação. Belo Horizonte: Ceale/Autêntica, 2005.

COSTA, D.N.M. *Por que ensinar língua estrangeira na escola de 1º grau?* São Paulo, E.P.U., 1987.

CUBAN, L. *Oversold and underused: computers in the classroom*. Boston: Harvard University Press, 2001

DIAS, Reinildes. *Reading critically in English*. 3ª edição revista e ampliada. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2002. ISBN: 85-7041-255-X

DUPUY, J-P. *Nas Origens das Ciências Cognitivas*. São Paulo: UNESP, 1996

RIVERS, Wilga M. 1987. *Interactive Language Teaching* Cambridge. Cambridge University Press

DUTRA, D. P.; MELLO, H. Os caminhos do ensino de gramática em línguas estrangeiras. In: DUTRA, D. P.; MELLO, H. (org.) *A gramática e o vocabulário no ensino de inglês: novas perspectivas*. Belo Horizonte: POSLIN/FALE/UFMG, 2004.

FARACO, Carlos Alberto (et al). *A relevância social da lingüística: linguagem, teoria e ensino*: org. Djane Antonucci Correia. São Paulo: Parábola Editorial, 2007

FERRARI, Marisa – RUBIN, Sarah. 2003. *Inglês: de olho no mundo do trabalho*. São Paulo: Scipione.

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 38. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004

GIBSON, W. *Spook country*. Melbourne: Viking (Penguin), 2007

GIMENEZ Telma, JORDÃO Clarissa e ANDREOTI Vanessa (organizadoras). *Perspectivas educacionais e ensino de inglês na escola pública* Pelotas: Educat, 2005.

<http://www.veramenezes.com/narprofessores.htm>. Disponível em: 12 / 05 /09. OLIVEIRA Vera Lúcia Menezes. Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) / CNPq. Visitado em 05/ 02/ 10.

HUMBLÉ, P. H. O uso de corpora no ensino de línguas. Alguns exemplos do português e do espanhol. In: CABRAL, L.G. SOUZA, P de (Org). *Lingüística e ensino: novas tecnologias*. Blumenau: Nova Letra, 2001, p. 157-180.

Linguagens, códigos e suas tecnologias/secretaria de Educação Básica - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008.239 p. (Orientações curriculares para o Ensino Médio; volume1).

Língua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado/ Inês Signorini(org)- Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Fapesb,1998 – (Letramentos, Educação e Sociedade)

LEVY, M. *Computer-assisted language learning: context and conceptualization*. Oxford: Clarendon Press- Oxford University Press, 1997.

LEITE, L.S; *Tecnologia educacional: Descubra suas possibilidades na sala*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2004

MAGALHÃES, C. M. (org.). *Reflexões sobre a análise crítica do discurso*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2001.

MARCUSCHI, L.A. *O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula*. In: AZEREDO, J.C. de *Língua Portuguesa em debate: conhecimento e ensino*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000

MATURANA, Humberto. *Cognição, Ciência e Vida Cotidiana*. Belo Horizonte: ed. UFMG, 2000.

MERCADO, Luis Paulo Leopoldo. *Novas tecnologias na educação: reflexões sobre a prática*. Maceio: EDUFAL, 2002.

MOITA LOPES, L. P. (Org.) *Por uma lingüística Aplicada indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

- MORIN, E. *A cabeça bem-feita*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.
- MOTTA-ROTH, D., REIS, S.C; ,MARSHALL, D. *O gênero página pessoal e o ensino de produção textual em inglês*. In: ARAUJO,J.C(org). *Internet& ensino: novos gêneros, outros desafios*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.
- MERCADO, Leopoldo Luis. *Novas tecnologias na educação: reflexões sobre a prática*. Maceió: EDUFAL, 2002
- PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. *Práticas de ensino aprendizagem de inglês com Foco na autonomia/ Vera Lúcia Menezes de Oliveira e Paiva, organizadora*. – Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2005.
- PENNYCOOK. A. 2001. *Critical Applied Linguistics*. Mahweh, N.J.: Lawrence Erlbaum.
- SILVA, Fábio; RAJAGOPALAN, K. (Org.). *A lingüística que nos faz falhar: investigação crítica*. São Paulo: ED. Parábola, 2004
- TELLES João A. *Linguagem & Ensino*. Vol. 5, 2002 (91-116)
- VIEIRA-ABRAHÃO, M.H. *Prática de Ensino de língua estrangeira: experiências e reflexões*. Campinas: Pontes e Artelíngua, 2004
- VYGOTSKY, L.S. *Pensamento e linguagem*. 3. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991
- XAVIER, A.C. *Reflexões em torno da escrita nos novos gêneros digitais da internet*. Disponível em <<http://WWW.ufpe.br/nehete/Antonio-carlos.htm>> Acesso em: abril//2008.